

A pesquisa-criação **Freeform to Transform – poéticas do ativismo feminista** se deu a partir da cidade de Porto Alegre_ capital do Rio Grande do Sul, estado localizado no extremo sul do Brasil.

O Brasil é um país de dimensões continentais, dividido em cinco macrorregiões diversas nas suas características geográficas, econômicas, históricas e socioculturais. Para contextualizar a pesquisa, apresento algumas histórias e características do sul.

O sul é a menor região do Brasil, formada por três estados: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Geograficamente, o clima é subtropical com larga amplitude térmica, o que deixa os verões quentes e os invernos frios com muita chuva, geada e precipitação de neve nas áreas altas. O Rio Grande do Sul é a 'porta de entrada' das massas de ar polar atlântica que, depois, se espalham para as outras regiões.

Nos últimos anos, os fenômenos climáticos extremos tem sido cada vez mais frequentes. Em 2023 e 2024, vivenciamos **catástrofes climáticas e tempestades devastadoras** que tem batido índices históricos, com ciclones extratropicais, volumosas e longas chuvas, que tem submergido ilhas, inundado e colapsado Porto Alegre, a capital do estado e destruído as cidades no entorno dos Rios Taquari-das Antas, Jacuí, Caí, do Lago Guaíba e às margens da Laguna dos Patos. Os outros dois estados sulinos também estão sujeitos às inundações. E esse cenário tem sido intercalado por estiagens e secas cada vez mais duradouras.

No Rio Grande do Sul, as **mudanças climáticas** estão associadas à ação humana e coincidem com o crescimento descuidado das cidades, com as práticas irresponsáveis no campo e nas matas e com governos irresponsáveis, interessados em privatizações, que não investem em infraestrutura e na sustentabilidade destas cidades.

A economia do estado é baseada na pecuária e na agricultura de soja, arroz, trigo, maçã e uva, que atualiza a sua tecnologia, mas mantém as demandas e o pensamento estrutural dos senhores de campos de cultivo extensos e não-diversificados. Essa situação contribui para a destruição do **bioma Pampa** e a sua biodiversidade, para o negacionismo em diversos assuntos, como o das mudanças climáticas e dos perigos no uso de agrotóxicos, fertilizantes e herbicidas, que não tem uma legislação e fiscalização firme. Isso faz com que grãos, terras e águas se contaminem, coincidindo com a alta incidência de câncer no estado.

A água e a umidade são abundantes na região. Sob estes estados está o Aquífero Guarani – a principal reserva de águas doces subterrâneas da América Latina. Na superfície, se encontram as Cataratas do Iguaçu no *Parque Nacional do Iguaçu*_um sítio geológico e área de proteção do manancial de águas e do meio ambiente ao redor, localizado entre o Paraná, Brasil e a região de Misiones, Argentina. O Rio Grande do Sul tem diversos lagos e lagoas. A *Lagoa dos Patos* é considerada a maior laguna do Brasil e a segunda da América do Sul, com 265km de comprimento, que se conecta ao Oceano Atlântico.

Ao norte do Rio Grande do Sul ficam as terras altas. À nordeste tem os platôs, paredões verticais de rochas basálticas e cânions, mas a maior parte do estado (63%) é formada pelo **bioma Pampa**_ que em quíchua significa 'região plana' e compreende vastos campos, com algumas ondulações (**coxilhas**), cobertos de gramíneas e arbustos diversos. Esse bioma é único no Brasil, mas é compartilhado com a Argentina e o Uruguai_ países sul-americanos com os quais o Rio Grande do Sul faz fronteira, divide influências, costumes e histórias ancestrais.

O Pampa era a terra dos povos originários, das nações indígenas *Guarani, Charrua, Minuano* (etnia nômade extinta no século XIX). Os *(Jês)Kaingangues* viviam nas partes altas e, atualmente, resistem em áreas no entorno de Porto Alegre e lutam pela demarcação dos seus territórios, na cidade e na serra gaúcha.

Esta região foi palco de disputas históricas e de acordos entre os colonizadores portugueses e espanhóis para a posse das terras. No século XVII, o Rio Grande do Sul pertencia à Espanha. Nesse período, à noroeste do estado, foram fundados aldeamentos indígenas, missões ou reduções colaborativas e autossustentadas que se conectavam a outras reduções no sul da América, chamadas de Missões Jesuítico-Guarani e criadas pela Ordem dos Jesuítas com o objetivo de ‘catequizar indígenas’. (Redução, na língua espanhola daquele período, significava comunidade). A professora Andreia Barros comenta o fim destas reduções,

[Eram] cidades onde os indígenas viviam, plantavam e criavam gado e cavalos. Essas cidades eram chamadas Missões Jesuíticas que se conectavam a outras. Porém os portugueses [exército conjunto luso-espanhol] acabaram destruindo essas cidades. Com essa destruição, o gado que era criado nas missões ficou solto, tornando-se selvagem. Os Indígenas que restaram da destruição dessas cidades passaram a capturar esses animais e se alimentar de sua carne, utilizando também o couro para fazer todo tipo de objeto, desde roupas, abrigos para o frio até objetos para andar a cavalo (arreios). Gaúchos eram pessoas que viviam em bandos ou solitários, sempre à cavalo, sem um lugar certo para viver[...]. Eles eram totalmente livres e não respeitavam leis nem regras, andavam sempre armados, sendo corajosos e destemidos. A palavra Gaúcho vem do dialeto indígena quíchua [da palavra *huachu*] e significa ‘filho de mãe indígena com um forasteiro’, [ou órfão; vagabundo], ou seja, o Gaúcho é uma mistura dos povos Indígenas, portugueses, espanhóis e outros. A mistura de base indígena, recebeu e manteve heranças culturais desses povos, como o hábito de tomar chimarrão (erva mate)” (BARROS, 2021).

Na segunda metade do século XVIII, os colonizadores portugueses incentivaram a vinda de imigrantes Açorianos para ocupar a região sul. Porto Alegre foi formada por sessenta casais açorianos que se instalaram às margens do Lago Guaíba. No começo da República, entre o final do século XIX e o começo do século XX, os governantes brasileiros promoveram campanhas na Europa, de incentivo à vinda de imigrantes camponeses para servir de mão de obra nas fazendas no centro do país, povoar e cultivar as terras no sul. Essas medidas visavam “substituir o trabalho da mão de obra negra escravizada”, “apagar a herança escravocrata brasileira” e promover o “branqueamento da população”, além de manter seguras as fronteiras do sul do país. Os imigrantes recebiam terras ou outros incentivos do governo brasileiro e apostavam nesta oportunidade para fugir de guerras, problemas políticos e econômicos em seus países de origem.

Foi assim que 12.563 estrangeiros, na sua maioria, italianos, alemães, mas também, austríacos, suíços, franceses, espanhóis e africanos chegaram ao Rio Grande do Sul para povoar e cultivar a terra.

Parte dos meus ancestrais vieram da Europa, nestas ondas imigratórias. Meus bisavós maternos e seus filhos, entre eles, a minha avó ainda criança, vieram de München, Alemanha_ na última entrada de imigrantes, antes da primeira guerra mundial. No Brasil, minha avó teve

pouca ou nenhuma educação formal. Lembro dela nervosa, sempre que precisava assinar o seu nome. Minha avó materna trabalhou como bordadeira à máquina e se casou com meu avô que era nascido no Brasil, mas filho de um casal de imigrantes andaluzes, Espanha. Meu avô trabalhou como ourives e foi presidente da *Sociedade Espanhola de Socorros Mútuos* em Porto Alegre. Na década de 50, para além das tarefas socioculturais da instituição, meu avô, apoiado pelo trabalho de minha avó, acolheu e incluiu na comunidade local, os refugiados espanhóis que chegaram na cidade, fugidos do sistema político ditatorial franquista da Espanha.

Minha família paterna tem origem portuguesa e vivia na cidade-zona-de-fronteira com o Uruguai, Santana do Livramento. Meu avô estudou teologia nos Estados Unidos, foi reverendo da *Igreja Metodista Protestante gaúcha* e professor de inglês na rede estadual de ensino, em Porto Alegre. Recém casado com minha avó viveram, por três anos, em missão da igreja Metodista na cidade de Funchal, Ilha da Madeira, Portugal e foi lá que o meu pai nasceu.

Em Porto Alegre, minha avó paterna se dedicou às atividades da igreja, em ações assistenciais às comunidades carentes. A origem da minha avó paterna é imprecisa, pouco se sabe sobre os seus antepassados, porque ela não costumava falar deles. Soube, pela Internet, que os seus pais também eram membros da Igreja Metodista em cidades do centro do estado, onde o meu bisavô era ferroviário (maquinista de trem). Naqueles tempos, quando não se falava das origens e uma história familiar era velada ou suprimida, podia esconder casos de adultério e ou preconceitos raciais contra uma possível ascendência negra e ou indígena.

PJ Domingues (2002) conta que, no começo do século XX, no Brasil, imperava a 'ideologia do branqueamento'. O autor explica que "apesar de seu caráter racista, foi legitimada ou assimilada, cotidianamente, por setores da população negra. Com efeito, a assimilação desta ideologia converteu-se num mecanismo de inserção psicossocial dos negros em um mundo dominado pelos brancos".



Imagens: **As mulheres da minha família**. Da esquerda para direita: avó paterna brasileira e eu-bebê (1960); avó materna alemã, eu e minha irmã-bebê (1965);



Imagens: **As mulheres da minha família**. Da esquerda para a direita: As duas avós juntas no litoral gaúcho (1950s); em Porto Alegre, eu e minha mãe, após os problemas de saúde (2022).

O cantor, compositor e escritor brasileiro Chico Buarque, no seu discurso no Prêmio Camões em Portugal (2023), se autodefine assim: “como a maioria do povo brasileiro, trago nas veias sangue do açoitado e do açoitador, o que ajuda a nos explicar um pouco”. Para resolver a lacuna na minha ascendência, é preciso investigar as origens da minha avó paterna, a fim de libertar as histórias familiares, honrar antepassados cujos nomes, etnias e, também, identidades de gênero foram invisibilizados e promover, na prática, a decolonialidade e o antirracismo.

Mais de 78% da população gaúcha se declara como branca. Em geral, desconhece as suas origens indígenas e ou, tem muita dificuldade em reconhecer, na sua formação e cultura, as contribuições do povo preto. O estado também concentra a maior população idosa do Brasil, entre outras razões, pela migração de jovens para outros centros, em busca de oportunidades de trabalho e de comportamentos mais abertos.

Uma característica do povo gaúcho (é assim que se denomina quem vive no Rio Grande do Sul) é o comportamento radical, belicoso, polarizado e leal a um propósito, para o bem e para o mal. Por muito tempo, se celebrou uma trajetória de lutas libertária contra governos opressores, seja contra o império, com a instauração de uma república, meio século antes da sua proclamação ou sendo a resistência que evitou um golpe militar em 1961 (eu, infelizmente, aconteceu três anos depois).

Atualmente, as escolhas da maioria da população do estado são conservadoras, servindo à economia neoliberal e ao avanço da direita. Nas pautas de costumes se ancora na masculinidade branca, hetero, cis, cristã que reproduz atitudes competitivas, viris e machistas.

Na música tradicionalista e no rock-gaúcho (assim intitulado e destacado, nacionalmente, nos anos 1980), grupos e bandas são formados, basicamente, por homens brancos e um repertório de canções com letras machistas. Para Jocelito Zalla,

o mito do gaúcho heroico, branco e elitizado é altamente identificado ao universo masculino e a figura feminina, a 'prenda' foi construída como um negativo desse gaúcho: frágil, dócil, recatada. O machismo é, portanto, algo persistente no universo regional e precisa ser desconstruído [até por parte das mulheres gaúchas]. O tradicionalismo também tem muita dificuldade em lidar com [a diversidade de gênero, o movimento LGBTQIAPN+], pois desvaloriza qualquer identidade descolada do padrão engessado da masculinidade estereotipada [o macho]. (ZALLA, 2016)

Para a delegada e diretora da divisão de Proteção e Atendimento à Mulher, Cristiane Ramos, "vivemos num país machista e num estado machista. O Rio Grande do Sul está entre os cinco estados que mais praticam violência contra a mulher". Em 2022, o estado registrou os menores índices de roubo e homicídios, mas os **feminicídios** aumentaram. Em dez meses, 89 mulheres morreram, sete a mais do que o registrado (ainda há as subnotificações) no ano anterior, além das 41.621 situações de agressão doméstica, lesão corporal e estupro registradas, como indica o Observatório Estadual de Segurança Pública.

Medidas para conscientização dos direitos das mulheres e um trabalho de desconstrução do machismo tem sido tomadas pelo governo brasileiro e regional, como o incentivo a denúncias, a implementação de delegacias da Mulher e salas de acolhimento com atendimento de policiais-mulheres nas demais delegacias do estado.

Em meio a isso, artistas-mulheres tem se expressado e se manifestado contra o **machismo estrutural** no regionalismo, em busca da equidade de gênero na cultura gaúcha, como a cantora e apresentadora Shana Muller que escreveu o texto "Não sou china, nem égua e nem quero que o velho goste". A matéria escrita e publicada pela cantora, em sua coluna de jornal, em 2017, causou polêmica pois, já no título, instiga e responde a vários trechos de músicas de grupos tradicionalistas veteranos e, questiona o machismo e o desrespeito histórico contra as

mulheres, nas letras das canções tradicionalistas gaúchas. E propõe que compositores reflitam antes de escrever novas músicas sobre as mulheres.

Outras 'gurias' que tem repensado as tradições gaúchas, trazido frescor e ativismo *queer* a este seguimento, são as poetas, musicistas e pesquisadoras Marília Kosby e Clarissa Ferreira (Poesia Xucra).

Com a contextualização do território onde estou inserida, que é rica em belezas naturais, conectada a outros países sul-americanos, mas **resistente à desconstrução de estruturas colonialistas, machistas, racistas**, acredito que ficam evidentes as dificuldades das mulheres gaúchas de esquerda, para desenvolver e difundir trabalhos com as temáticas transversais, progressistas, contemporâneas.

Desenvolver a pesquisa *Freeform to Transform* – poéticas do ativismo feminista, neste contexto adverso, torna este trabalho relevante e a frase performativa “Nossa Luta é Diária”, usada nos documentos da *Banda de Garotas Instantâneas*, uma prática necessária no micro e no macro contextos.

Olhando para o passado, observo que entre as mulheres da minha família, fui a primeira a ter um diploma de graduação, situação muito incentivada por minha mãe que estudou até o ensino médio e teve o sonho de se graduar em odontologia, declinado para cuidar das duas filhas e por uma imposição machista do meu pai. Assim, segui com meus estudos na licenciatura e com a pesquisa científica em arte na graduação (pintura) e na especialização (performance). O mestrado, o doutorado e este pós-doutorado foram demandas tardias, na faixa dos cinquenta anos, depois de ter tido dois filhos e experienciado uma vida nômade pelo Brasil e Latino América.

Quando a pesquisa começou, o ano de 2022 ainda era desafiador em diversas instancias. No macro, a Covid-19 ainda não havia acabado.

No Brasil, o governo de extrema direita, que impôs enormes dificuldades a todos os setores, mas em especial à Ciência, e à área de Humanas, como educação, cultura e arte, no começo de 2023, ainda decalcava os seus valores antidemocráticos e um período de eleições conflituosas, que culminou com os atos golpistas de 8 de janeiro de 2023, protagonizados por uma multidão extremista e instruída que invadiu e vandalizou as sedes dos três poderes: Câmara de Deputados, Senado e Justiça (Palácio do Planalto, sede do governo federal, o Congresso e o STF), numa tentativa de golpe de estado.

No micro, eu vivenciava (e sigo vivendo) um drama familiar inesperado, com a justaposição de problemas de saúde e demandas das duas mulheres da minha família, mãe e irmã. Tudo isso limitou a minha circulação, fazendo com que a base da pesquisa acontecesse em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil e muitas atividades seguissem no modo virtual.

Mesmo assim, dentro da pesquisa, consegui programar e realizar duas viagens de curta duração: entre março e abril de 2022, encontrei a prof.^a supervisora **Maria José Contreras** em Nova York, EUA e, em outubro, estive em Santiago e Valparaíso, Chile, para realizar uma

pesquisa de campo. Assim, minha pesquisa-criação se dividiu em duas partes que se inserem no cluster **ARQUIVOS** e no conjunto das **ORALIDADES**.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Andreia. As origens do Gaúcho. Rio Grande Tem. Blog, 2021.
<https://www.riograndetem.com.br/as-origens-do-gaúcho/#:~:text=O%20Ga%C3%BAcho%20%C3%A9%20fruto%20da,Sul%2C%20onde%20viviam%20os%20Ind%C3%ADgenas>
- DOMINGUES, PJ. Negros de Almas brancas? A ideologia do branqueamento no interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. SciELO, 2003.
<https://www.scielo.br/j/ea/a/R3R8p7fSCzXwvDvLjNkpQC/?lang=pt>
- FOLHA DE SÃO PAULO. Censo 2022 IBGE: Rio Grande do Sul é o estado mais branco – Cotidiano. São Paulo, 22 de dezembro de 2023.
<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/12/morrinhos-do-sul-e-a-cidade-mais-branca-do-pais-e-rio-grande-do-sul-o-estado.shtml>
- KOPITTKE, Alberto. Sartori e o fim do Mito Gaúcho politizado. Sul21, 2014.
<https://sul21.com.br/opiniao/2014/10/sartori-e-o-fim-do-mito-do-gaúcho-politizado-poralberto-kopittke/>
- Poesia Xucra Live- Clarissa Ferreira e Marília Kosby. Farol Live Santander, 2022.
<https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=jvQ9L-G2ams>
- PUJOL, Leonardo. A cantora que resolveu desafiar o machismo da música regionalista gaúcha (Shana Muller). BBC Brasil, 2017. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-39649460>
- TV SENADO/YouTube. 8 de janeiro 2023: um ataque à democracia do Brasil. 2023.
<https://www12.senado.leg.br/tv/programas/tela-brasil/2023/02/8-de-janeiro-um-ataque-ademocracia-do-brasil>
- ZALLA, Jocelito. A necessidade da desconstrução do machismo no universo gaúcho. Entrevista especial feita por Vitor NECCHI. IHU-Instituto Humanitas Unisinos, 2016.
<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/560186-a-necessidade-dadesconstrucao-do-machismo-no-universo-regional-entrevista-especial-com-jocelito-zalla>